

## **ÉTICA SEXUAL E NOVOS PADRÕES CULTURAIS**

*José Roque Junges*

A modernidade engendrou novos padrões culturais que se inspiram em uma nova compreensão da ética e determinam, por sua vez, uma nova vivência da sexualidade. Houve uma mudança radical nos padrões morais da nossa sociedade e esta transformação manifesta-se, de uma maneira palpável, no modo de viver a sexualidade. Impõe-se sempre mais um relativismo moral que tem a sua matriz no individualismo moderno. Os novos comportamentos sexuais são veiculados pelo narcisismo apregoado pela, assim chamada, revolução sexual. Portanto, os dois pólos de reflexão do nosso seminário são a ética e a sexualidade como expressões destes novos padrões culturais. Como roteiro para nossa reflexão, tomaremos duas obras recentes de dois autores que se referem explicitamente sobre estas questões. Para uma análise do relativismo moral seguiremos a reflexão do antropólogo cultural francês G. Lipovetsky, no seu livro, *El crepusculo del deber: la ética indolora de los tiempos modernos*. (Madrid: Grijalbo, 1994) (I. **Relativismo moral**). Para fazer um balanço sobre as consequências da revolução sexual, tomaremos emprestado as argutas observações do psicanalista francês T. Anatrella, na sua obra recentemente traduzida ao espanhol, *El sexo olvidado*. (Santander: Sal terrae, 1994) (II. **Revolução sexual**).

### **I. Relativismo moral**

#### **1. A onda ética.**

Assistimos, nos últimos anos, uma volta à ética. A onda ética invade os Meios de Comunicação Social, alimenta a reflexão filosófica,

jurídica e moral, gerando instituições e práticas coletivas, voltadas para uma preocupação ética: Bioética, ecologia, movimento contra a fome, defesa dos direitos humanos, moralização dos negócios, da política e dos meios de comunicação, cruzada contra a droga, o alcoolismo e o tabaco, debates sobre o aborto e sexualidade, a busca de códigos de ética.

Luta-se pela revitalização dos valores e pelo espírito de responsabilidade como o imperativo primordial. A esfera ética expressa o espírito da nossa época. Décadas atrás o que eletrizava era a libertação individual e coletiva e a moral era vista como farisaísmo e repressão burguesa. Hoje, a ética recupera o seu protagonismo.

Concomitante com esta volta à ética, desenvolve-se um discurso alarmista que estigmatiza a quebra dos padrões morais e o individualismo deslavado. Aparecem discursos contraditórios: por um lado, uma revitalização da moral e, por outro, discursos catastróficos sobre a decadência moral. Pode ser que os dois fenômenos se complementem. A efervescência ética pode ser uma reação à decadência. A recuperação da consciência frente à irresponsabilidade individualista. Mas, se a aspiração individualista e sua cultura correspondente, dominam e se alargam sempre mais, como explicar a aspiração coletiva por condutas morais?

Como seres embebidos de cultura individualista podem indignar-se eticamente? Como esta cultura que glorifica o ego, consegue converter as virtudes da retidão, da solidariedade e da responsabilidade em estrelas de primeira grandeza?

Diante da constatação de que a ética é fruto do mesmo movimento que exalta a individualidade, é necessário revisar a identificação entre individualismo e imoralidade e a tendência de separar o modelo neo-individualista e a preocupação ética.

Esta reativação moral é de que natureza e a que moral se refere?

## 2. *Secularização da ética*

Antes de mais nada, é necessário afirmar que a onda ética não significa um "retorno" à velha moral. Não é um restabelecimento dos padrões tradicionais de moral. Ao contrário, é justamente uma libertação dela. Também não é uma ruptura das tábuas dos valores e das leis; no essencial continuam os mesmos. Existe sim uma nova maneira de remeter-se aos valores e às leis. É um novo tipo de articulação ética que não encontra o seu modelo nas morais religiosas tradicionais e, nem tampouco, nas morais leigas do dever categórico.

Para entender este fenômeno, é preciso voltar às suas origens históricas. A ilustração tentou criar as bases de uma moral independente dos dogmas religiosos, sem fundamento na revelação e libertada de medos e recompensas do além. Tratava-se de uma moral moderna leiga. Esta secularização da ética, ao emancipar a ética do espírito da religião, se viu obrigada a buscar outro absoluto que, no caso, foi o dever.

As democracias individualistas idealizaram a obrigação moral, celebraram a gravidade dos deveres do cidadão e impuseram normas austeras e disciplinárias para a vida privada. A paixão pelo dever queria esconjurar a dinâmica licenciosa dos direitos do indivíduo através do espírito de disciplina e o domínio de si mesmo. O ideal ético foi levado à depuração máxima pelo culto às virtudes leigas que magnificavam o sacrifício da pessoa no altar da família, da pátria, da história. Assim os modernos continuaram o esquema do imperativo ilimitado dos deveres já presente no modelo religioso. Apenas desvestiram o esquema de sua roupagem religiosa. Os deveres incondicionais diante de Deus tornaram-se deveres incondicionais diante da consciência e da coletividade. É a religião do dever leigo.

Esta primeira fase da secularização da moral já passou. Está em marcha uma segunda fase deste processo. Não se trata apenas de construir uma moral independente das religiões reveladas mas dissover socialmente a sua forma religiosa: o próprio dever como fundamento da moral. Estamos assistindo, segundo J. Baubérot, o "segundo umbral" da secularização ética, isto é, a época do pós-dever. Nisto reside a total novidade da cultura ética atual. Uma cultura que desvaloriza o ideal da abnegação, liquida os valores sacrificiais e estimula os desejos imediatos, a paixão do ego, a felicidade intimista e materialista. A cultura cotidiana não está motivada por imperativos hiperbólicos do dever mas pela dinâmica dos direitos subjetivos e do bem-estar. Na fase anterior, a autonomia moral diante da religião erigia-se como princípio mas, ao mesmo tempo, era negada em seu funcionamento pela absolutidade intransigente do dever. A ética quer organizar-se no essencial fora do modelo do dever.

### 3. *Sociedade pós-moralista.*

Assistimos ao surgimento de sociedades pós-moralistas. Pode ser que alguns não gostem deste nome. Mas como designar uma sociedade que difunde mais normas de bem-estar do que obrigações supremas do ideal, que metamorfoseia a ação moral em show? Como designar uma cultura na qual a promoção dos direitos subjetivos faz cair em desuso as exigências do dever?

Sociedade pós-moralista é uma sociedade que repudia a retórica do dever austero, integral, maniqueu e, ao mesmo tempo, promove os direitos individuais à autonomia, à felicidade, ao desejo. Uma sociedade avessa a pregações maximalistas e que somente outorga crédito às normas indoloras da ética. Neste sentido não existe contradição entre o sucesso da temática ética e a lógica pós-moralista.

A nova ética não ordena sacrifícios e nem quer recompôr o dever heróico. Seu objetivo é reconciliar a virtude e o interesse, os imperativos do futuro e a qualidade da vida presente. Longe de opor-se à cultura individualista pós-moralista, o surgimento da ética é uma de suas manifestações exemplares.

#### *4. Lógica liberal e lógica rigorista.*

A dominante lógica pós-moralista não dilue as correntes contrárias de reivindicação moralizante. A sociedade que dissolve a liturgia do dever não abole as cruzadas fundamentalistas. A cultura do pós-dever, longe de pacificar o debate ético, o agudiza mais e leva as duas propostas à discussão. Não se trata de um combate entre o laxismo e o integrismo mas de duas maneiras antitéticas de remeter-se aos valores ou duas maneiras contraditórias de regular o Estado social individualista.

Por um lado, é a lógica dialogada, liberal, leve e pragmática que tem consciência dos limites, dos prazos e das exceções. Por outro lado, é a lógica estritamente binária, com argumentações mais doutrinárias que realistas, mais preocupada pelo rigorismo do que pelo humanismo. A discussão e a luta de fundo é entre estas duas lógicas.

#### *5. Processo desorganizador e reorganizador da ética.*

Se, ao mesmo tempo, não se pode identificar a cultura do pós-dever com a desintegração de qualquer vontade moral, por outro lado, não se pode negar que ela contribui na dissolução de formas de autocontrole do comportamento e promove o reino deletério do individualismo sem lei. O pós-dever ajuda a criar dois tipos de realidade: integração e exclusão, normalização e anomia, horror à violência e trivialização da delinqüência. Por um lado, roubos, crimes, especulação, corrupção, fraude fiscal e, por outro lado, medidas de moralização, movimentos de solidariedade, preocupações ecológicas, valorização do trabalho. O crepúsculo da religião do dever não significa uma decadência generalizada de todas as virtudes mas a justaposição de um processo desorganizador e de um processo de reorganização ética. A fase pós-moralista é um "caos organizador".

Esta dualização da realidade significa o aparecimento de duas lógicas antinômicas de individualismo: por um lado, o individualismo unido a normas morais, à equidade e ao futuro e, por outro lado, o individualismo do cada um por si e do “depois de mim o dilúvio”. Em outras palavras, o individualismo responsável contra o individualismo irresponsável. O que está acontecendo não é um indisciplina generalizada mas a combinação de uma lógica desorganizadora e simultaneamente reorganizadora. Trata-se de fazer regressar o individualismo irresponsável e fomentar o responsável.

#### 6. *Efervescência ideológica e efervescência ética.*

É interessante dar-se conta que o êxito da ética desponta quando os brevíários ideológicos não respondem às urgências do momento. As ideologias são propostas morais de cunho rigorista e deontológico mas, que, em vez de resolver, criaram outros problemas. A atual efervescência ética é uma contraposição à efervescência ideológica dos anos 60 e 70. A ética aparece como remédio às mazelas da ideologia. Mas a ilusão ideológica não foi enterrada com a derrota das “religiões seculares”, apenas se reencarnou no *eticismo* como nova figura da “falsa consciência”. Depois da idolatria da história e da revolução, o culto ético é o novo avatar da consciência mitológica.

O perigo deste êxito da ética é que ele seja apenas uma operação cosmética e não um instrumento capaz de corrigir os vícios e excessos da cultura individualista. Aplaudimos o sucesso da ética mas podemos duvidar que ajudará a vencer a marginalização social, a espiral da violência, os conflitos políticos, a erosão da cidadania. Mais do que indignação e lucidez ética necessitamos de novas políticas voluntaristas e organizações inteligentes que equacionem o problema e implementem práticas realmente transformadoras. A que conduzem as grandes declarações de intenções se elas não são seguidas de efeitos ou contraditas pelas ações. O entusiasmo ético pode transformar-se numa panacéia ética porque as conseqüências desta efervescência poderão ter pouco a ver com o que proclamaram.

#### 7. *Ética inteligente.*

Relativizar as esperanças colocadas na corrente ética não significa desacreditá-las. Se as exortações éticas levam somente a um encantamento, o futuro será inquietante. Sem cair em pregações moralizadoras e tampouco no fetiche do interesse próprio, necessita-se de *éticas inteligentes e aplicadas*, mais preocupadas com os resultados benéficos do que com as intenções, mais reformadoras do que idealistas, mais adeptas das mudanças realistas do que dos princípios absolutos, mais responsabilizadoras do que prescritivas.

Portanto éticas promotoras de ações “interessadas” mas capazes de mudar a sorte das pessoas e deslegitimadoras de boas intenções incompetentes. A intenção generosa e altruísta é o critério moral supremo mas não é o único porque não podemos identificar a moral com ações individuais desinteressadas.

É necessário reabilitar a inteligência na ética. Esta não prescreve a erradicação dos interesses pessoais mas a sua moderação; não exige o heroísmo do desinteresse mas a busca de compromissos razoáveis, de medidas justas adaptadas às circunstâncias. Temível são tanto os fundamentalistas quanto os adeptos do “laissez faire”. Se o moralismo é intolerável pela sua insensibilidade pelo real individual e social, o neo-liberalismo econômico cria discriminações sociais na sociedade.

É preciso negar tanto uma “ética da convicção” quanto o amoralismo da “mão invisível” do mercado, em benefício de uma ética da responsabilidade inclinada a buscar os justos equilíbrios entre a eficácia e a equidade, entre o benefício e o interesse, entre o respeito pelo indivíduo e o bem coletivo, entre o presente e o futuro, entre a liberdade e a solidariedade. Pleitear uma ética inteligente porque o culto ao dever não tem credibilidade social e porque a justiça social exige eficácia e esta não é possível sem uma dimensão humanista. A eclipse do dever não é nem uma maldição nem uma promessa de paraíso.

Não se afirma que os sentimentos morais sejam vãos. Eles são capazes de provocar ações realmente generosas mas não podem servir de arcabouço para o funcionamento de práticas e instituições justas e eficazes. É bom ter sentimentos morais mas o problema é que eles são efêmeros e fundado neles a sociedade não avançará no caminho da justiça social. Importa colocar a inteligência a serviço da difusão do saber e da ampliação das responsabilidades. Não são as profissões de fé éticas, os sermões em favor da generosidade, os panegíricos em favor dos direitos humanos que acabarão com a miséria e a exclusão. Necessitam-se estruturas políticas e econômicas inteligentes que conjuguem responsabilidade e qualificação.

A era pós-moralista não deve querer suscitar sonhos de uma ressurreição do dever maximalista e nem querer refundar a ética. Precisa reafirmar a primazia do respeito ao homem, denunciar os enganos do moralismo, promover éticas inteligentes, favorecer soluções de compromisso, firmemente assentadas nos princípios humanistas mas adaptadas às circunstâncias, com interesses e exigências de eficácia.

## ***II. Revolução sexual***

A expressão alude às mudanças rápidas e profundas, acontecidas nas últimas décadas, na maneira de entender e viver a sexualidade. A

sociedade experimentou uma variação qualitativa na cultura sexual. Estas variações tiveram uma profunda influência na psicologia das pessoas ao confrontarem-se com sua sexualidade.

Esta revolução propunha liberar a sexualidade de todos tabus introjetados por uma moral opressiva e deixar que a libido aflore com liberdade. Esta revolução coloca-se na esteira de outras e todas elas frutos do processo instaurado pela modernidade. Hoje assistimos a um desmonte de muitos mitos criados por estas revoluções: mitos políticos, religiosos, econômicos e culturais. Chegou a hora de desmascarar alguns mitos presentes na atual cultura sexual e promovidos pela assim chamada revolução sexual. Fazer um diagnóstico da sexualidade depois da denominada libertação sexual.

Antes de mais nada, o século passado, criticado por esta revolução, não era tão repressivo e pudibundo. As aventuras sexuais existiam, só que se faziam às escondidas. O silêncio não era rechaço da sexualidade mas dificuldade de falar dela. A revolução ajudou a liberar o discurso sobre o sexo.

A história conheceu períodos de muito maior promiscuidade que hoje. A novidade de nossos tempos não está aí. O que aconteceu foi uma banalização das relações sexuais ao deixarem de ser uma transgressão que acontece no âmbito privado e passarem a ser uma moda aceita publicamente.

### *1. Dissociação entre sexualidade e sexo.*

A libertação sexual aconteceu principalmente entre os jovens com um discurso reivindicativo que visava liberar a sexualidade dos controles parentais e sociais. A sexualidade adolescente não só foi libertada mas valorizada como modelo. Os adultos compreendem e querem viver a sua sexualidade, tendo como ponto de referência a vivência sexual do adolescente. Por isso vem à tona a pergunta: Qual sexualidade foi libertada?

Houve uma libertação da sexualidade infantil e adolescente. A libertação sexual está falando de gestos e vacilações da sexualidade adolescente e valorizando práticas típicas desta fase de desenvolvimento sexual. Esta revolução é curiosa porque instalou as personalidades em uma sexualidade que não quer desenvolver-se mais além da adolescência. Portanto a primeira constatação é que a sexualidade dos adolescentes tornou-se o modelo que inspira as representações sexuais.

A nudez foi desvelada. Não é mais velada ou sugerida mas exibida. Estas imagens estimulam nas pessoas desejos insuspeitos que levam a viver uma sexualidade mais imaginária que real. É a vivência

de uma sexualidade subjetiva sem referência relacional. O sexo banal, o sexo proeza, o sexo solitário ou o sexo indiferenciado não são sinais de originalidade e libertação mas sinais de um profundo desencanto porque através destas práticas o indivíduo é levado à solidão e a busca de si mesmo quando a sexualidade é essencialmente relacional. O sexo exibido conduziu ao contrário do esperado; provoca saturação e rechaço que é perceptível nos jovens de hoje. A incitação a sobreconsumir sexo levará a uma geração de impotentes desprovidos de libido.

O sexo (genital) foi separado da sexualidade (afetividade). Ao querer viver na realidade o que o indivíduo projeta como fantasma provoca uma hemorragia psíquica que desvitaliza o sujeito porque a vida interior depende da atividade fantasmática da qual não se tem controle. É necessário para uma vida sexual sadia não querer por em prática todas representações mas elas devem ser trabalhadas pela reflexão. O clima cultural não ajuda para isto, mas, ao contrário, magnifica e incita e ao fazê-lo nega o sexo por separá-lo da sexualidade. A moda cultural de hoje é realizar a maioria das imagens mentais sexuais vendo nisto um meio de alcançar a plenitude. Assim se banaliza o imaginário erótico porque ao querer realizar os fantasmas mata-se o imaginário. Chega-se a um sexo sempre menos relacional porque os impulsos fantasmáticos provém do inconsciente que desconhece a alteridade e a relação.

O sexo dissociado da sexualidade encontra sua satisfação em puras técnicas sem viver plenamente a sexualidade. O equilíbrio de uma personalidade não se regenera numa vida genital intensa mas no desenvolvimento de uma sexualidade fonte de vida relacional.

A dissociação entre sexo e sexualidade leva a não conseguir integrar a pulsão sexual por falta de recursos internos. O que desintegra não são acontecimentos, situações ou crises mas a maneira de interpretá-los e assumí-los. A personalidade precisa elaborar interiormente estes elementos, mas para poder fazê-lo, necessita de uma interioridade. O sexo separado da verdadeira relação intersubjetiva perde seu sentido e torna-se deprimente. Qualificar e enriquecer uma relação sexual incumbe à sexualidade (afetividade). Se esta é suprimida, busca-se sucedâneos como, por exemplo, as pilulas do amor. O que o indivíduo não tem em seu interior, vai buscá-lo em uma substância mágica exterior que serve de prótese sexual. O sexo não pode existir por si mesmo. Se o faz, leva a destruir o desejo. A busca do sexo pelo sexo, longe da sexualidade, não é mostra de libertação mas incapacidade de se relacionar.



## 2. *Instinto e pulsão.*

Esta reflexão está fundada numa distinção importante criada por Freud: instinto (algo já acabado) e pulsão (algo a ser transformado). No conceito de sexualidade atual existe um malentendido fundamental na medida em que ela é concebida como um instinto, quando antes que nada é uma pulsão. A pulsão sexual está potencialmente em transformação a diferença dos instintos animais. Não existem pulsões no início da vida. Elas aparecem na fase oral quando a criança sente-se impulsionada ao peito materno.

A pulsão é fruto de uma privação que ocasiona um intenso trabalho psíquico; corresponde a um impulso energético que geralmente se origina num estado de tensão corporal e cujo propósito é solucionar esta tensão. Personalidades imaturas atuam a pulsão de maneira violenta. Pulsões precisam experimentar um trabalho de transformação graças à sublimação que as orienta a outro objetivo.

Pulsão sexual tem sua origem num estado de tensão que incita a buscar o que falta. O objeto da pulsão sexual não está predeterminado biologicamente como no instinto. Corresponde ao indivíduo na sua história psico-afetiva eleger um objeto (trabalho, relação amorosa, ideal). Assim a hetero e a homossexualidade não estão pré-formados.

Se nos animais o instinto dá o caminho a seguir, no homem o instinto é precário e pode voltar-se contra o próprio homem. A diferença entre pulsões e instintos não significa que tenham lógicas diversas: ambos buscam o prazer. Os dois estão submetidos ao princípio do prazer antes de obedecerem ao princípio da realidade. Como eles tem objetivos diferentes, entram em conflito.

Instintos só podem satisfazer-se com um objeto real (a fome necessita de alimento). Eles passam rapidamente do princípio do prazer ao princípio da realidade e entram em conflito com as pulsões sexuais que não tem o mesmo interesse de medir-se com a realidade. Isto acontece porque podem satisfazer-se de modo fantasmático mediante múltiplas atividades mentais sem ter em conta a realidade. Por isso estão mais tempo sob o influxo do princípio do prazer. A neurose provém do atraso da pulsão sexual em ter em conta a realidade. Além disso é mais inclinado à repressão pelo medo que provoca. Este medo pode manifestar-se de diferentes maneiras: querer viver, como adulto, uma sexualidade juvenil ou desenvolver um sexo violento e violador.

## 3. *O desenvolvimento do vínculo sexual.*

A sexualidade está no núcleo do desenvolvimento psicológico. As pulsões na criança ainda não estão determinadas enquanto às suas

orientações; elas são cultivadas e enriquecidas através do jogo de imagens e argumentos interiores estimulados pelas sensações e as informações que vem de fora. A pulsão sexual, para seguir existindo, manifesta-se por vias simbólicas; se acontecer o contrário pode esgotar-se.

A sexualidade inconsciente em seu estado primitivo existe de modo fragmentado em zonas corporais isoladas umas das outras. Por isso fala-se de pulsões parciais que buscam o prazer cada uma por sua conta. A pulsão parcial quer obter a sua própria satisfação e não a união sexual, e o objeto do qual se obtém prazer não se identifica com ninguém, pois no inconsciente não existem casais concretos, apenas as imagens parentais.

A criança que deseja que os pais satisfaçam suas pulsões parciais, vai enfrentar negativas que vão obrigá-la a crescer e a mudar a maneira de gratificar-se. Embora, durante a infância, a busca do prazer domine o psiquismo, progressivamente a criança terá que aprender que o prazer para o consciente é uma consequência e não um fim como o é para o inconsciente. Este estado de tensão será fonte de conflitos durante toda existência. Desta impossibilidade de obter imediatamente tudo o que se quer, nasce a pulsão, mas também o trabalho do desejo.

Sendo a carência o elemento motor da vida psíquica, dela vai nascer e desenvolver-se a vida pulsional. O eu vai diferenciar-se desta vida interna pulsional para adaptar sua personalidade às exigências da vida psíquica e às da realidade exterior. Esta operação terá êxito se sua relação com o entorno for estimulante. As pulsões vão sendo trabalhadas a partir deste eu.

A psicanálise descreveu as fases de desenvolvimento afetivo e sexual:

- 1) *Fase oral*: sexualidade como fome do outro.
- 2) *Fase anal*: Sexualidade como poder sobre si e o outro.
- 3) *Fase fálica*: sexualidade como autodescoberta e autoconfiança.
- 4) *Fase edípica*: para ser um é necessário ser três
- 5) *Fase relacional*: aceitação da diferença sexual.

Uma visão simplista pode dar a entender que trata-se de passar de uma fase a outra, deixando para trás as influências da fase anterior. Na realidade, não acontece isto. Todas pulsões correspondentes às fases anteriores seguem existindo de uma maneira dispersa no inconsciente porque este não conhece tempo, nem a diferença entre sexos e nem a realidade exterior. A busca da união sexual e da reprodução, na medida em que implicam a presença do outro, não existem no inconsciente porque este é essencialmente egoísta. Tais desejos (união sexual

e reprodução) não são da ordem das pulsões mas do ideal do eu que realiza um trabalho de transformação das pulsões para torná-las viáveis na realidade..

Os instintos requerem satisfação imediata porque eles não tem capacidade de transformar-se. As pulsões sexuais não exigem realizações imediatas na realidade. Ao contrário, o fato de postergá-los permite ampliar a subjetividade e aprofundar o debate interior, propício à criação de atividades simbólicas. Ao contrário dos instintos, as pulsões podem transformar-se em outras atividades. Nesta linha pode-se entender a afirmação de que a essência da sexualidade não é o prazer mas o vínculo relacional. A pulsão deve ser transformada e sublimada para que esteja a serviço deste vínculo.

#### 4. Sexualidade juvenil

É muito comum encontrar na *Folha de S. Paulo* pesquisas de opinião sobre a sexualidade dos jovens. O que pensar destas pesquisas? A pesquisa depende da relação que se estabelece entre o entrevistador e o entrevistado e da interpretação de quem vai analisar os resultados. O entrevistador geralmente já tem uma militância nesta área e está comprometido com certo ideário. O entrevistado responde de acordo com as idéias dominantes do ambiente para ficar bem. Não se leva em consideração que o entrevistado pode dar respostas falsas porque se confunde a representação (imaginar) e a prática (fazer). O entrevistador pensa na prática e o entrevistado está no nível da representação, o que é muito comum na sexualidade juvenil. As respostas são o reflexo do que se vive, do que se viveu ou do que se espera viver? As pessoas inibem-se, mascaram ou exageram as respostas quando se pergunta sobre sua vida sexual.

As análises geralmente não são feitas por especialistas. Isto leva a esquecer o significado psicológico dos comportamentos sexuais. É o caso, por exemplo, quando se faz uma pesquisa sobre a primeira relação sexual nos jovens ou simplesmente sobre a atividade sexual dos jovens. Podem registrar-se as atitudes, os gestos, a freqüência das relações sexuais mas isto não diz nada sobre sua novidade e significado. A maioria das informações que se recebe das pessoas que aceitam dar a seu testemunho, são mais um discurso sobre a sexualidade do que a autêntica realidade da sua experiência. Não dizem a verdade, mas o que mais se aproxima ao seu ideal, ao que, em sua opinião, convém dizer.

O ponto de partida destas pesquisas é uma visão que reduz a sexualidade ao modelo psicológico animal, isto é, à uma sexualidade biológica e química. A premissa inspiradora destas pesquisas é quan-

to mais comum ou generalizada é uma prática, tanto mais normal é. Este ponto de partida e esta permissa são falsos. Os resultados, no mínimo, são duvidosos. As pesquisas sobre sexualidade procuram mais legitimar e justificar o que se faz do que compreender a realidade e a história dos comportamentos.

A revolução sexual propagou a necessidade da educação sexual. Devido aos seus pressupostos, dissociação entre sexo e sexualidade e a compreensão da sexualidade como instinto e não como pulsão a ser trabalhada, a educação sexual, em vez de ajudar a integrar e amadurecer, banalizou a sexualidade. Reduziu-se a uma compreensão animal ou biológico-química da sexualidade, sem referência ao significado psicológico das atitudes e gestos sexuais e, principalmente, sem levar em consideração a necessidade da transformação interior da pulsões sexuais a serviço da relação.

Na educação sexual, os pais e educadores transmitem suas inconsistências sexuais. Hoje é sempre mais freqüente adolescentes e adultos que chegam à psicoterapia porque viveram em sua sexualidade uma implicação sedutora por parte dos pais e educadores. No âmbito da vida sexual pode acontecer o mesmo erro que se cometeu nos anos 60 e 70, quando pais militantes queriam a toda custa sensibilizar seus filhos para o compromisso social e político e se produziu o contrário.

Uma idéia educativa freqüente em nossos dias é que os pais colocam-se ao nível dos filhos pensando que assim estão ajudando ao seu desenvolvimento. Querem compartilhar com eles seus problemas e sua vida e esquecem de deixar os filhos no seu lugar. Desta maneira pode-se favorecer o aparecimento de crianças afetivamente precoces, mas, com muita freqüência, serão os adolescentes e adultos imaturos de amanhã. Por trás desta atitude dos pais não existe uma preocupação educativa.

Os pais relacionam-se com os filhos como se fossem adultos, como se tivessem o mesmo conhecimento da vida que os maiores. Arrastados por este ambiente, muitos adultos confundem sua sexualidade com a das crianças, ao ponto de convertê-los em objetos de satisfação erótica. Existe uma crescente tendência incestuosa em nossa sociedade ocidental. Muitas mães realizam-se sexualmente imiscuindo-se na vida sexual dos seus filhos.

Os pais, pelo que representam no desenvolvimento sexual dos filhos, não são as pessoas mais indicadas para falar sobre isto com eles. Se o pai e a mãe tem uma vida sexual e afetiva sadia, eles transmitem isto aos filhos sem falar muito. Se eles mantem relações sexuais satisfatórias, a criança poderá encontrar melhor o seu lugar na ordem da filiação e buscar mais tarde os seus objetos sexuais fora da família.

A criança tem muita curiosidade sobre a vida sexual e afetiva dos pais e sente que existe um segredo entre eles que gostaria de descobrir. Neste momento muitos pais pensam que o ideal é aceder a estes apelos da criança. Esta encontra-se numa fase edípica em que quer substituir um dos pólos do casal. Condescender a estes desejos da criança não a ajuda a superar esta fase mas a fixar-se nela. O descobrimento do mútuo afeto dos pais a obrigará a admitir que não pode querer substituir um dos conjuges e terá que encontrar, na família, o seu lugar de filho e não de amante. Isto a ajudará a construir sua relação de filiação e compreender que é fruto do amor de seus pais. Graças a esta segurança, afastar-se-á dos pais e renunciará a eles como objetos sexuais para desejar a outros fora do âmbito familiar.

Na adolescência, a vida amorosa é mais uma busca de si mesmo do que um encontro real com o outro. Dizer que se está enamorado confunde-se com a intensidade emocional porque é difícil ao adolescente amar alguém distinto de si mesmo. Ama o que experimenta de si mesmo através do outro, mais do que o outro em si mesmo. Reina uma grande confusão nas relações entre vida afetiva e vida sexual porque elas ainda não estão associadas. O desejo de ter relações sexuais não é o mesmo que amar alguém numa psicologia que não conseguiu qualificar afetivamente o ato sexual. A moda cultural hoje é justificar estas relações sexuais entre adolescentes. Elas não enriquecem a vida afetiva e fomentam a confusão mental a respeito do desejo real e de sua identidade. As experiências sexuais não facilitam a maturidade; ao contrário, em muitos casos retrasa. As relações afetivas dos adolescentes são em geral defensivas.

### *5. Sexualidade conjugal.*

No século XX, o assim chamado sentimento amoroso adquiriu uma considerável importância na vida afetiva e relacional e, inclusive, na educação das crianças. O sentimento é o centro da relação de casal. Nem sempre foi assim ao largo da história. Isto não significa que as pessoas não se amassem mas o matrimônio era mais uma associação e contrato.

O sentimento amoroso é, hoje em dia, o motivo central da aliança entre um homem e uma mulher que se amam. O matrimônio, de vínculo essencialmente social, passou a ser, nas representações contemporâneas, um assunto privado. O sentimento amoroso apela aos recursos afetivos mais íntimos do indivíduo. Esta particularização do matrimônio isolou a relação conjugal da sua dimensão social.

A própria dinâmica do sentimento amoroso levou a um enfrentamento com a instituição matrimonial. A união baseia-se uni-

camente nos indivíduos e não na instituição. A associação por amor está fundada na força dos sentimentos e na vontade de ambos serem protagonistas do fato.

Nas sociedades em que o sentimento amoroso tornou-se o elemento determinante, a integração social acontece através da família. O que será destas crianças que de família só conheceram uma sucessão de pais e mães sem nenhum enraizamento parental. O sentimento amoroso do indivíduo forma-se a partir da relação parental, mas, quando falta a imagem paterna ou materna, a personalidade da criança apresenta insuficiências psicológicas e um sentido precário do amor humano.

Os conflitos entre o sentimento amoroso e a instituição matrimonial é compreensível mas preocupante. O futuro da sociedade depende demasiado desta relação como para abandoná-la às flutuações dos sentimentos. A experiência da onipotência dos sentimentos faz os amantes acreditarem que podem viver fora das estruturas humanas e sociais.

Dado que nas representações atuais domina o sentimento amoroso, talvez não se é consciente dos perigos de desconectá-lo de sua dimensão social. Corre-se o perigo de considerá-lo um fim em si mesmo que se apresenta como onipotente.

O sentimento amoroso, quando encontra vias de acesso através de realizações na realidade, pode tornar-se simultaneamente uma força íntima e social. Ao contrário, se a relação não tem também uma finalidade social, será o lugar privilegiado da expansão de conflitos e interesses psíquicos do passado.

O inconsciente propõe essencialmente pulsões primárias. O eu tem em conta as aprendizagens e as experiências inspiradas nestas pulsões primárias da infância e trabalhadas posteriormente. O sentimento amoroso parte do estado primário para elaborar a relação objetal. Em nossas sociedades, este sentimento não encontra uma finalidade global e tem a tendência a perpetuar os primeiros estados afetivos. Por isso, vive-se modelos infantis e adolescentes de afetividade e sexualidade.

O próprio filho não é visto na perspectiva comunitária e social mas na perspectiva do sentimento amoroso que passou a mover as relações sexuais. O filho é um elemento deste sentimento do casal. A fecundidade está a serviço da valorização afetiva do casal na sua relação. Assim o filho tem mais uma função psicológica em relação aos pais do que uma função comunitária. Busca-se mais a realização pessoal no filho do que um novo membro da comunidade.

A sexualidade dissociou-se da fecundidade e, ao mesmo tempo, a morte tornou-se um tabu. Elimina-se a morte como não fazendo parte da vida. Sexualidade e morte formam uma parêntese indissolúvel pois a sexualidade, como fonte de vida, é a resposta à morte. Mas, ao dissociar a fecundidade da sexualidade, ela não é mais resposta à morte que assim torna-se um tabu. Existe um paralelismo entre a concepção atual de sexualidade e a eutanásia.

A reprodução não é uma bagatela e um puro *plus* facultativo da sexualidade centrada no onipotente sentimento amoroso. Sexualidade é, ao mesmo tempo, encontro com a pessoa amada e transmissão da vida. Diferente dos animais não é pura procriação.

Cada relação não expressa o desejo de ter um filho. Mas, dado que a morte é inerente à sexualidade, cada relação sexual leva implícito que desta relação pode aparecer um terceiro e, assim, assegurar a continuidade da vida. Negar ou excluir a reprodução significa dessocializar a sexualidade e reduzi-la ao narcisismo.

Sempre se controlou a natalidade mas a mentalidade reinante não excluía a procriação. Hoje, ao contrário, a mentalidade e a representação da sexualidade estão essencialmente ligadas à contraceção e ao aborto e levam a uma separação e exclusão da procriação. O problema não está tanto no uso de contraceptivos mas na mentalidade ideológica subjacente que deturpa o sentido da sexualidade e tem seus efeitos psicológicos. As sensações dos adolescentes que sabem que seus pais usam e usaram contraceptivos é de ouvirem palavras de morte e de sentirem-se negados ou até como intrusos.

A contraceção leva a que o filho seja um objeto supervalorizado pois liberta a culpabilidade da morte e da impotência sexual (castração). Esta dupla função dá de entrada um poder ao filho sobre a sexualidade dos pais. O filho será o suporte da validade da sexualidade dos pais. O filho faz desaparecer a castração dos pais. Influências culpabilizantes em relação aos pais atuam sobre a maneira de viver o engendramento do próprio filho.

No inconsciente, o desejo do filho é narcisista e também tranquilizador, pois com sua presença confirma-se o poder fálico dos progenitores. Mas assim cria-se uma relação fraternal com o filho e uma competência deste com os pais. Quando o filho desenvolve-se sexualmente, os pais sentem-se pequenos e terão que replantar sua própria sexualidade. Isto leva muitos pais a imiscuir-se na sexualidade dos filhos querendo dar informações mas, no fundo, o que se quer é participar das emoções juvenis.

A contraceção e o aborto provocam e alimentam representações que têm importantes efeitos psicológicos nos comportamentos sexuais.

Não se trata de negar as razões psicológicas que levaram à necessidade da contracepção favorecendo a libertação sexual da mulher. Mas isto se transforma em ideologia quando se diz que o uso de contraceptivos favorece uma sexualidade sadia. A ideologização está em transformá-los em solução mágica. Não resolvem problemas sexuais mas, ao contrário, os agudizam. Hoje os jovens olham mais para a qualidade que a quantidade das relações possibilitadas pelos contraceptivos e pregada pela ideologia da segurança sexual.

O mito é afirmar que a contracepção liberta o prazer sexual da mulher. É simplesmente um meio técnico de impedir a fecundidade mas não transformá-la em solução para a sexualidade. O uso da camisinha é, igualmente, um puro meio técnico de preservar-se do contágio do HIV mas não uma solução e realização da sexualidade como muitos anúncios publicitários prometem.

## **Conclusão**

O surgimento de uma moral *soft* do pós-dever e as novas exigências de mais sentido na vivência da sexualidade recolocam, de uma maneira radicalmente nova, a questão da ética sexual. O aparecimento da onda ética e a nova sensibilidade dos jovens com respeito à uma sexualidade mais exigente não significam uma volta atrás. Os velhos esquemas morais sobre comportamentos sexuais não respondem, de nenhuma maneira, a estes novos desafios. É necessário encetar um novo caminho que possa integrar estas novas sensibilidades. Esta nova perspectiva precisa conjugar a ética e a simbólica da sexualidade (X. Etxeberria Mauleón, La articulación entre ética y simbólica en la sexualidad, in *Pastoral Misionera*, nn. 190-191 ( Ética sexual, hoy), pp. 57-82). O Comportamento sexual depende do modo como se inter-relacionam a ética e a simbólica. A primeira aponta para imperativos, racionalmente fundados, que tem validez universal para regular obrigatoriamente a conduta e o convívio humano. A segunda identifica-se com um tipo de linguagem que é, ao mesmo tempo, cifrado e revelador de um sentido do qual podemos participar ao assimilar o simbolizado.

Esta inter-relação, quando referida à sexualidade, torna-se inevitável porque no comportamento sexual existe uma interação entre pessoas na qual estão implicados interesses sociais (p. ex., a procriação) que precisam ser regulados através de normas e, por outro lado, por sua relação com o pulsional, o passional, o vital, a sexualidade mantém uma rica conexão com dimensões misteriosas e desbordantes da cotidianidade que se relacionam com o simbólico. Daí a necessidade de articular a dimensão ética e a dimensão simbólica da sexualidade.



Os antigos padrões morais sobre comportamentos sexuais não conseguem responder a estas novas sensibilidades. Por isso, é preciso encetar novos caminhos de ética sexual que englobem a perspectiva simbólica. Mas a complexidade da articulação entre a ética e a simbólica aponta para os desafios de uma formulação atual e pertinente de ética sexual.

Endereço do autor:  
Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127  
31720-300 — Belo Horizonte MG